

Música, território e formação sociopolítica: perspectivas iniciais a partir de uma revisão bibliográfica

Comunicação

Ana Clara da Silva Ponciano
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
claraponciano9@gmail.com

Mário André Wanderley Oliveira
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
mario.andre@ufrn.edu.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo apresentar perspectivas iniciais sobre música, território e formação sociopolítica a partir da revisão bibliográfica de uma pesquisa sobre a dimensão formativa do Hip-Hop. Trata-se de uma pesquisa de mestrado em andamento que tem como objetivo investigar o caráter formativo de uma batalha de rap em Natal/RN. Portanto, neste texto, apresentam-se os conceitos de educação não-formal; mundos musicais; produção de localidade, de modo a articular discussões no campo da educação e música com as dinâmicas do movimento hip-hop e as relações de pertencimento de jovens periféricos.

Palavras-chave: Hip-hop; Juventudes; Educação não-formal.

I. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar perspectivas iniciais sobre música, território e formação sociopolítica a partir da revisão bibliográfica de uma pesquisa sobre a dimensão formativa do Hip Hop. Trata-se de uma pesquisa de mestrado em andamento que tem como objetivo investigar o caráter formativo de uma batalha de rap em Natal/RN. Tendo, portanto, como objeto de estudo as batalhas de rap, de modo a investigar o engajamento de jovens em seus territórios, por meio do hip-hop, movimento oriundo das periferias e de

caráter crítico e político, bem como, também compreender a batalha de rima enquanto espaço de formação musical e sociopolítica no contexto do município de Natal-RN.

O trabalho dá continuidade à minha pesquisa de graduação em música, que investigou a formação sociocultural de um jovem negro, rapper, morador do bairro Bom Pastor na zona oeste de Natal-RN. Durante este estudo, pude extrair como resultados de entrevista realizada com o participante, de pseudônimo KL, as dinâmicas de sua trajetória no movimento hip-hop e como este contribuiu em uma perspectiva musical, sociopolítica e cultural. Seu relato gira em torno de um espaço em específico: a batalha de rima. Sua caminhada enquanto rapper se deu nesse local, que não foi o foco investigativo da minha monografia.

Então, me indaguei sobre a importância deste espaço em seu potencial formativo, partindo de uma perspectiva não formal da educação. Desse modo, como a “rua” ensina? Como as batalhas de rima podem formar musicalmente jovens? E ainda, como esse local é capaz de mover esses jovens na produção de relações de localidade e pertencimento?

Portanto, na presente dissertação, pretendo discorrer como as batalhas de rap são locais de uma aprendizagem sociomusical, entendendo que ocorre não só a formação em música para os jovens, mas também o engajamento dentro de sua localidade. Para tanto, me apporto do que a literatura nessa vertente traz de contribuições, com auxílio de outros campos para além da educação musical, de modo a ampliar as perspectivas acerca desse debate. Assim, busquei trabalhos que discutem o movimento hip-hop nos eixos da formação de jovens, da educação musical e da relação com o território.

Ressalto que a minha relação com o movimento hip-hop sempre se enquadrou na figura de espectadora da cena cultural local e atualmente enquanto pesquisadora. Pois, meu interesse principiante sempre engrenou para discussões que envolvem periferias e juventudes, haja vista minha aproximação com tais temáticas, bem como da minha experiência nesse âmbito. Desse modo, encontrei no hip-hop, um espaço para atender ao que propus investigar: os jovens e sua relação com o território e nesse quesito, o movimento hip-hop é o que mais

se aproxima dessa valorização da periferia como lugar de afetos, formação e pertencimento para as juventudes.

Historicamente, o movimento hip-hop surge nos guetos do Bronx, em Nova Iorque, em um contexto de forte segregação e violência policial da população negra e periférica dos Estados Unidos. Então, o hip-hop ganha força com seu discurso de denúncia das desigualdades sociais que assolavam a sociedade. É formado pela união de quatro elementos: o grafite, o break dance, o DJ (disk jockey) e o MC (master of ceremony) e nesta pesquisa, proponho-me a investigá-lo no âmbito do rap, que consiste na junção entre as figuras do DJ e do MC.

O rap é o elemento musical e poético do hip-hop. A sigla advém das palavras que carregam seu significado: ritmo e poesia (rhythm and poetry). Os rappers relatam suas vivências e denunciam as violências presentes no cotidiano periférico através da rima. Esse é o fio condutor da prática musical do movimento e configura-se como uma expressão que move experiências individuais e coletivas em seus versos, mas que, sobretudo, reafirmam uma relação com o local em que residem.

Adentrando para o cenário desta pesquisa, esses aspectos do hip-hop se manifestam dentro da prática no município de Natal. Atualmente, o cenário das batalhas de rima contempla a cidade e região metropolitana, concentrando-se nos bairros periféricos, sobretudo na zona norte da cidade, região mais populosa de Natal. Então, considero uma produção artística, política e cultural ativa do movimento na cidade, para o qual irei me ater mais à frente neste texto.

Percebo uma ênfase do hip-hop nos bairros periféricos da cidade, ao longo dos anos, sobretudo pela da ampliação de batalhas de rima, da descoberta e ascensão de rappers e grupos no cenário da cidade, do crescimento de iniciativas e espaços que fortalecem o movimento e do aumento do público ouvinte, consumidor e apoiador.

2. A periferia natalense: campo empírico da pesquisa

Neste ponto, apresento aspectos da construção da cidade do Natal-RN - município com 751.300 habitantes (IBGE, 2022)¹ -, com ênfase para a formação das comunidades periféricas. A cidade foi “se reproduzindo de forma desigual, contraditória, como produto apropriado diferentemente pelos diversos sujeitos e grupos sociais” (Silva, 2011, p. 86).

Morais (2012) menciona a formação urbana do município, destacando que:

[...] a aplicação dos planos urbanísticos a uma parte da cidade de Natal ignorou as condições de assentamento e as necessidades de uma considerável parcela da população Natalense, que foi relegada à ocupação ilegal e clandestina das encostas, dunas, morros e áreas periféricas, as quais apresentam problemas relacionados às questões de habitabilidade, em sua grande maioria (Morais, 2012, p. 1)

Esse processo de formação da cidade ancorada em uma perspectiva higienista, afastou a parcela pobre da população das regiões centrais da cidade, de modo a validar um “‘novo código’ urbanístico, no qual continha um projeto de teor elitista de reforma urbana e melhoramentos estéticos” (Morais, 2012, p. 2). Dentro desse histórico, é importante considerar os aprofundamentos das relações de desigualdade e falta de acesso à políticas públicas para os territórios. Assim, é visível um diagnóstico dessas regiões, frente ao descaso e abandono do poder público para com os bairros periféricos da cidade.

Segundo o Anuário Natal 2023 da SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo, a cidade possui 36 bairros divididos em quatro regiões administrativas, a saber: zonas norte, oeste, leste e sul (Semurb, 2023). Em 2013, o IBGE realizou um estudo², com

¹População no último Censo do IBGE. Natal - RN, 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/natal/panorama>

² Mais de 10% da população de natal vive em favelas, diz ibge. G1 RN, Natal, 6 de novembro de 2013. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2013/11/mais-de-10-da-populacao-de-natal-vive-em-favelas-diz->

base nos índices do censo de 2010, indicando que cerca de 10,06%, vivem em favelas em Natal-RN. No censo anterior, o Instituto classificava comunidades periféricas enquanto “aglomerados subnormais”. Em nota metodológica³ lançada neste ano de 2024, é apresentada a mudança do termo para “Favelas e Comunidades urbanas”, justificando que o uso da expressão anterior, baseava-se em juízos de valores, bem como não correspondia às diretrizes, normas e leis internacionais e nacionais, no que condiz ao direito à moradia, função social e propriedade urbana.

Segundo o Mapa de Favelas, elaborado pela SEMURB (2008), há 67 favelas em Natal-RN, sendo 22 dessas em áreas de risco, com maiores propensões de inundações, desabamentos, deslizamentos, áreas de encostas, dentre outros. Esses dados são relevantes para a construção de um parâmetro das comunidades periféricas em Natal-RN. Desse período para cá, houve mudanças no contexto de reassentamentos, remoções, novas ocupações de territórios, construção de conjuntos habitacionais, etc, e destaca-se a predominância da população baixa renda nas zonas norte e oeste, processo formado historicamente (Rocha, 2018).

Nesse contexto, é importante pensar os impactos das periferias para a vida de jovens, considerando a formação deles dentro das dinâmicas que envolvem o seu território. Assim, chama atenção alguns dados que implicam no cotidiano deles. Carrenho (2019), comenta que os bolsões de pobreza das cidades (periferias, morros e favelas) são referenciados pela ótica das vulnerabilidades, enquanto há um berço cultural e artístico menos evidenciado e não reconhecidos (Carrenho, 2019, p. 66).

Alguns dados do município chamam atenção e implicam diretamente no cotidiano dos jovens, como por exemplo, a quantidade de praças públicas distribuídas pela cidade. Conforme

[ibge.html#:~:text=Um%20estudo%20divulgado%20pelo%20Instituto,do%20RN%20C3%A9%20803.739%20habitantes>](#) . Acesso em: 9 de ago. 2024.

³ Nota metodológica: Sobre a mudança de “aglomerados subnormais” para “favelas e comunidades urbanas”. IBGE, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/tipologias-do-territorio/15788-favelas-e-comunidades-urbanas.html?=&t=publicacoes> . Acesso em 11 de ago. 2024.

dados do último Anuário Natal, do ano de 2023, o número de praças públicas por região administrativa é de: zona norte (68); zona sul (92); zona leste (72); e zona oeste (31).

As zonas oeste e norte, onde concentra-se maior população periférica, detêm menor quantidade de praças públicas, com destaque para o bairro de Nossa Senhora da Apresentação, o maior bairro da cidade, contando com apenas 5 (cinco) praças. Estas, são importantes, pois, são espaços de convivência, lazer e socialização, que permitem o fortalecimento do vínculo com o próprio território e estão ligadas diretamente à redução dos índices de violência e criminalidade nas periferias, uma vez que as regiões norte e oeste têm os níveis de Crimes Violentos Letais Intencionais - CVLIs em maior concentração (Freitas, 2021).

A existência de poucos espaços de socialização e a falta de fomento e promoção à cultura e formação para a população, aprofunda índices estigmatizados na realidade das periferias brasileiras. Hoje, a região nordeste é considerada a mais violenta do país. Segundo o Atlas da Violência (2024), o Rio Grande do Norte é o quarto estado com maior número de homicídios (Cerqueira, 2024).

Dessa maneira, o hip-hop se insere nas comunidades dando voz às juventudes, conscientizando e formando o sujeito, por meio da reflexão de sua condição, e deve ser mencionado como movimento artístico e político, engajado com questões sociais que interferem diretamente sobre o cotidiano das periferias, denunciando as diferentes formas de violências contra essa população.

As batalhas de rap mobilizam-se enquanto coletivos que aglutinam e formam jovens continuamente e não só exercem esse papel, como promovem um lugar de bem estar e socialização e percebe-se um fortalecimento desses espaços, enquanto um compromisso mútuo. Há um engajamento na construção desses espaços e no exercício de fortalecê-los e propagá-los pelas zonas da cidade. Neste texto, trago como foco a sua dimensão formativa sociomusical, bem como da participação efetiva das juventudes e de sua relação com a localidade em que vivem. Para tanto, apresento um parâmetro inicial de pesquisas na área.

3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1. Revisão de Literatura

Na literatura sobre o hip-hop e a formação de jovens, encontrei alguns trabalhos em distintas áreas, dentro da ótica do que discutirei neste estudo. Santos (2012), analisou práticas educativas no hip-hop em Salvador - BA, tendo como objetivo a investigação de como a cultura possibilitou uma conscientização individual e coletiva das juventudes, além de ser espaço de educação não-formal. Para o autor, os jovens sentem uma necessidade de se agruparem e a música detém importante papel nessa união, contribuindo para a construção de identidades em comum, bem como do papel da educação não-formal na potencialização dos laços de solidariedade e de pertencimento (Santos, 2012, p. 81- 82).

Loureiro (2015) disserta sobre a educação por meio do rap. Dialogando com as vivências dos rappers entrevistados, comenta aspectos formativos no movimento. A influência do rap sobre as trajetórias de jovens das periferias ao fomentar a crítica e o caráter de denúncia contribuiu para produzir uma dinâmica educativa e “incrementou a visão política de milhares de jovens habitantes das periferias brasileiras” (Loureiro, 2015, p. 153).

Essa politização do discurso e a visão dos jovens do hip-hop acerca da sociedade, é característico do que o próprio movimento carrega como filosofia própria. No âmbito do território, é comum a fala de valorização das periferias presente em todas as linguagens do hip-hop, sobretudo nas letras de rap. Para tanto, apoio-me das contribuições de Gonçalves (2013) para pensar a periferia e o movimento hip-hop. A autora vai atribuir o que seria “rap engajado” a um potencial criativo “que pode se constituir em um campo de experimentações para dar vazão às novas atitudes, afetos e, por conseguinte, novos modos de pensar e viver na pobreza” (Gonçalves, 2013, p. 118).

Ocorre uma reformulação das vivências dentro desse lugar, por meio do hip-hop. Ela complementa que: “a arte ‘periférica’ é produzida a partir de uma dinâmica que subverte a lógica de produção capitalista, porque o objetivo geral do produto gerado, tanto é a defesa da

vida na periferia, quanto a defesa do território ‘periférico’, lançando mão, para isso, da arte e da cultura” (Gonçalves, 2013, p. 127).

Essa relação, manifestada na defesa do seu lugar, envereda para outras pautas como o direito à cidade, à mobilidade, aos serviços essenciais para uma vida digna. E além de perpassar por essas lutas, são vivenciadas trocas simbólicas e subjetivas entre os atores do movimento hip-hop e o espaço que estão inseridos

As relações do hip-hop nas periferias, sobretudo no contexto das batalhas de rima, demonstram uma forma de organização, que resiste frente à realidade das comunidades. Para Coutinho (2008), esse potencial organizativo frente a opressão vivida, se insubordina enquanto expressão cultural, pois uma das estratégias do capital se imprime na ação das elites em condenar “as massas ao silêncio, barrando qualquer iniciativa que represente uma ameaça de democratização da comunicação” (Coutinho, 2008, p. 3).

A educação musical tem avançado nas discussões sobre hip-hop, periferias e música. Em busca de produções nos principais periódicos da área, a maioria dos trabalhos relacionam o movimento no contexto da formação musical escolar de jovens, além de temas como a criação e composição musical, escutas juvenis, reformulação do currículo, ensino, dentre outros.

Segundo Souza; Fialho e Araldi (2008): “O hip-hop tem sua filosofia própria, com valores construídos pela condição das experiências vividas nas periferias de muitas cidades” (Souza; Fialho; Araldi, 2008, p. 13). Para Fialho e Araldi (2009), o uso do rap na escola propicia “um diálogo efetivo entre o ambiente escolar e o cotidiano de seus alunos” (Fialho, Araldi, 2009, p. 77).

Djenane Vieira, referência nos estudos sobre música e hip-hop, destaca em seu trabalho Silva (2018) a construção de uma identidade afrodiaspórica e formação ampla por meio do movimento, através das oficinas de música da Casa de Hip-Hop de Diadema, mencionando que ensino vai além dos conteúdos que são transmitidos (SILVA, 2018, p. 87) e

ainda que “a Educação transita em outros territórios, outros espaços comunitários” (SILVA, 2018, p. 89),

Araldi (2007), investiga a formação e prática musical de DJs de Porto Alegre, de modo a compreender as particularidades da formação musical e destacando a abordagem de questões socioculturais no ensino e aprendizagem em música.

Destaco essas produções, de modo a construir um parâmetro do hip-hop e/ou juventudes como foco de pesquisa, tomando como ponto de partida princípios formativos, sobretudo em música. Assim, este recorte, apresenta o caráter das discussões sobre o tema, além de contribuir para a literatura. A partir dele, pretendo ancorar-me em alguns conceitos iniciais para abordar nesta pesquisa, a fim de embasar e respaldar a relação entre jovens periféricos, hip-hop e formação em música.

3.2. Fundamentação Teórica

Como aporte teórico deste estudo, tomo por referência algumas proposições teóricas para pensar música e relações sociopolíticas. Assim, destaco a concepção sobre mundos musicais da Finnegan (1989); sobre o musicar local dialogando sobre as dinâmicas dos jovens com o seu território, o que a autora elenca enquanto produção de localidades (Reily, 2021); e ainda, para interligar com contexto formativo, me amparo dos conceitos de Gohn (2006; 2008) sobre a educação não-formal para compreender as batalhas de rap enquanto espaços não-formais de educação musical. Para tanto, pretendo articular essas discussões com aspectos das juventudes, periferias e do movimento hip-hop, de modo a compreender como o sujeito jovem, dentro de seu lugar (periferia), move-se no sentido da sua prática musical por meio do rap.

As dinâmicas envoltas nas batalhas de rima podem contribuir para a formação integral de jovens da periferia, além de engajá-los na defesa do território onde estão inseridos, uma vez que “reconhecer-se enquanto periférico(a) decorre de um movimento de se sentir pertencente a este local e o seu papel de resistência”, e nesse quesito, o hip-hop incide ao

envolver os âmbitos cultural, crítico-social e político, sendo um agente transformador e mobilizador de trajetórias e histórias de vida.

Ruth Finnegan (1989), discute sobre os mundos musicais fundamentando a importância da música nas relações da vida cotidiana e ressalta que “[...] a música pode igualmente bem ser vista desempenhando um papel central não apenas nas redes urbanas, mas também, de forma mais geral, na estrutura social e nos processos da nossa vida hoje” (Finnegan, 1989, p. 30, tradução minha).

Sua experiência na cidade de Milton Keynes, observando a produção musical local, dá suporte a este estudo, ao passo que, sua investigação da prática musical amadora, fortalece o entendimento de grupos como as batalhas de rap, haja vista que a música pode ser compreendida de maneiras diferentes em distintos grupos, considerando que eles “têm as suas próprias convenções apoiadas por práticas e ideias existentes sobre a forma correta como a música deve ser realizada” (Finnegan, 1989, p. 32). Assim, para os frequentadores das batalhas, a relação com a música durante as rodas de rima, está totalmente envolta com as dinâmicas dos versos dos rappers durante os encontros.

Arroyo (2002), alinhada com as proposições da autora, comenta “mundos musicais” enquanto “um espaço social marcado por singularidades estilísticas, de valores, de práticas compartilhadas, mas que interagem com outros mundos musicais, promovendo o recriar de suas próprias práticas, bem como o ordenamento de diferenças sociais” (Arroyo, 2002, P. 101).

Reily (2021), discute a produção de localidades, com destaque para o “lugar” e suas potencialidades, pois, “se, por um lado, espaços são ‘lugares praticados’, são também contextos de vivências” (Reily, 2021, p. 10). Portanto, compreendo as batalhas de rap enquanto locais imbuídos de significados na sua prática, considerando que é nesse cenário que, no fazer musical, social e político dos rappers, há uma construção de experiências que fortalecem as rodas de rima como espaços não só formativos, mas que une trajetórias de

jovens engajados com seu território, bem como com a filosofia do movimento hip-hop como um todo.

Dentro de um campo mais amplo, da educação, entendo que as batalhas de rap configuram-se como espaços não formais de ensino, pois, a rua, as praças, as periferias, também tem suas potencialidades formativas. Gohn (2006; 2008) discute esse conceito, apontando que a educação não formal é desenvolvida a partir da troca de experiências, sobretudo em coletivos, que ela menciona enquanto espaços educativos, assim:

Na educação não-formal, os espaços educativos localizam-se em territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais (a questão da intencionalidade é um elemento importante de diferenciação) (Gohn, 2006, p. 29).

Ela ressalta a educação não-formal, tendo como meta “a transmissão de informação e formação política e sociocultural” (Gohn, 2006, p. 30). Desse modo, pretendo inter-relacionar esse conceito ao movimento hip-hop, com vistas a perceber como a formação sociomusical se manifesta no contexto das batalhas de rap e engaja os jovens em suas produções de localidade com seu território.

De modo a intercalar esses conceitos a outras discussões, Bozon (2000), aborda a diferença nas relações do fazer musical, considerando que a música não tem um caráter único e homogêneo, pelo contrário, está é um fato social presente na ação humana e imersa dentro da lógica da diferença, pois “a música é o local por excelência da diferenciação pelo desconhecimento mútuo; os gostos e os estilos seguidamente se ignoram, se menosprezam, se julgam, se copiam” (Bozon, 2000, p. 147).

Reflexões como essas para pensar música contribuem para a construção de novas perspectivas e o rompimento com paradigmas hegemônicos, pois, a cultura é um agente em constante mudança que abarca diferentes contextos e realidades, como ressalta Blacking

(2007), a música não deve ser “apenas reflexiva, mas também gerativa, tanto como sistema cultural quanto como capacidade humana” (Blacking, 2007, p. 201).

4. Considerações finais

Neste trabalho, ainda em fase inicial, busco explorar as perspectivas emergentes sobre a inter-relação entre música, território e formação sociopolítica, com foco na dimensão formativa de manifestações culturais, especialmente no contexto das batalhas de rap em Natal/RN. A partir de uma revisão de literatura que abrange estudos sobre música, território e processos de formação sociopolítica, meu objetivo é compreender como essas práticas culturais contribuem para a formação de jovens em contextos periféricos.

A revisão contempla trabalhos que discutem de maneira mais ampla como a música pode atuar como um agente formativo, tanto musical quanto sociopolítico. O hip-hop, e em especial o rap, aparece não apenas como uma forma de expressão artística, mas como uma prática cultural que carrega em si uma crítica social, desafiando estruturas de poder e valorizando as experiências vividas nas periferias. Vejo essas práticas como espaços onde os jovens desenvolvem uma consciência crítica, constroem identidades coletivas e reforçam seus laços com o território.

Especificamente em Natal, a literatura que revisei sugere que as periferias são marcadas por processos históricos de exclusão e desigualdade. É nesse cenário que o hip-hop, particularmente as batalhas de rap, se manifesta como uma força cultural que não apenas reflete, mas também intervém na realidade local. O rap, com sua poética de resistência e pertencimento, oferece aos jovens uma plataforma para expressar suas vivências e desafios, reafirmando seu vínculo com o território e fortalecendo a coesão comunitária.

O movimento hip-hop em Natal, conforme percebo nas leituras que realizei, desempenha um papel contra-hegemônico, funcionando como um vetor de resistência cultural em um ambiente urbano marcado por disparidades sociais profundas. As batalhas de rap, longe

de serem simples eventos artísticos, surgem como práticas culturais que propiciam um processo formativo, no qual educação e conscientização sociopolítica se entrelaçam, possibilitando novas formas de engajamento e pertencimento.

É importante destacar que esta pesquisa está em uma fase inicial, e as reflexões aqui apresentadas são fruto de uma revisão bibliográfica preliminar. As conclusões iniciais indicam a necessidade de aprofundar a investigação sobre como essas manifestações culturais, por meio das batalhas de rap, contribuem para a formação integral dos jovens periféricos, engajando-os em processos contínuos de resistência e transformação social.

Portanto, não pretendo encerrar a discussão com este trabalho, mas abrir novas vias de análise sobre a dimensão formativa das manifestações culturais no contexto urbano, com um olhar atento ao movimento hip-hop e sua capacidade de moldar identidades e fortalecer laços comunitários em espaços marcados por complexas dinâmicas sociopolíticas.

Referências

ANUÁRIO NATAL 2023. Prefeitura do Natal. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo - SEMURB. Natal, 2023. Disponível em:
https://natal.rn.gov.br/storage/app/media/semurb/publicacoes/Anuario_2023.pdf . Acesso em: 11 de ago. 2024.

ARALDI, Juciane. Prática musical de DJs e educação musical. In: XVII CONGRESSO DA ANPPOM, 2007. Anais... São Paulo, 2007. Disponível em:
https://anppom.org.br/anais/anaiscongresso_anppom_2007/educacao_musical.html. Acesso em: 11 de ago. 2024.

ARROYO, Margarete. Mundos musicais locais e educação musical. *EM PAUTA*, v. 13, n. 20, junho, 2002.

BLACKING, John. Música, cultura e experiência. *Cadernos de Campo (São Paulo, 1991)*, [S.L.], v. 16, n. 16, p. 201, 30 mar. 2007. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA).

BOZON, Michel. Práticas musicais e classes sociais: estrutura de um campo local. *Em Pauta*, v.11, n. 16/17, p.142-174, 2000.

CARRENHO, Aline Costa. *Arte, educação musical e formação cultural no contexto das organizações sociais: a práxis cultural e suas contradições à luz da Teoria Crítica*. 2019. 239 f. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós Graduação em Neurociências e Comportamento) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2019.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). *Atlas da violência 2024*. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031> . Acesso em: 11 de ago. de 2024.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). *Atlas da violência 2024: retrato dos municípios brasileiros*. Brasília: Ipea; FBSP, 2024. Disponível em:
<<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/9277-atlasviolencia2024retratodosmunicipiosbrasileros.pdf> > . Acesso em: 12 de ago. de 2024.

COUTINHO, Eduardo Granja. A comunicação do oprimido: malandragem, marginalidade e contra-hegemonia. In: PAIVA, Raquel; SANTOS, Cristiano (Orgs.). *Comunidade e contra-hegemonia: rotas de comunicação alternativa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008. p. 61-74

FIALHO, Vania Malagutti; ARALDI, Juciane. Fazendo rap na escola. *Música na educação básica*. Porto Alegre, v. 1, n. 1, outubro de 2009.

FINNEGAN, Ruth. *The hidden musicians: making-music in an English town*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

FREITAS, Pedro Henrique Oliveira de. *Violência no município de Natal/RN em 2019 e 2020: uma abordagem espacial e demográfica sobre as mortes violentas com foco nos efeitos decorrentes da pandemia da COVID-19*. 127 f. Dissertação (Mestrado em Demografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciência Exatas da Terra, Departamento de Ciências Atuariais, Programa de Pós-Graduação em Demografia. Natal, 2021.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: Avaliação Pública Educação*, Rio de Janeiro, v.14, n. 50, p. 27-38, 2006.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. 4ª edição, São Paulo: Cortez, 2008.

GONÇALVES, Julimar da Silva. *Poéticas do rap engajado e juventudes nas periferias urbanas de Natal-RN*, Natal, 2013. 200 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Natal, 2013.

LOUREIRO, Braulio Roberto de Castro. *Autoeducação e formação política no ativismo de rappers brasileiros*, Campinas, 2015. 216f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, 2015.

MAPAS TEMÁTICOS NATAL. Prefeitura do Natal. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo - SEMURB. Natal, 2008. Disponível em:
<https://www.natal.rn.gov.br/storage/app/media/sempla/Mapas_Tematicos.pdf> . Acesso em: 11 de ago. 2024.

MORAIS, Tamms Maria da Conceição. As periferias de Natal/RN à luz de uma análise das políticas redistributivas de habitação e mobilidade urbana. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL CIUDAD Y TERRITORIO VIRTUAL*, 8., 2012, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: 2012, p. 1-16.

REILY, Suzel Ana. O musicar local e a produção musical da localidade. *GIS- Gesto, Imagem e Som - Revista De Antropologia*, São Paulo, 2021.

ROCHA, Luís Renato Nogueira da. *SOBRE COMO O PODER PÚBLICO RESOLVE A QUESTÃO DA MORADIA: a urbanização, a remoção e o reassentamento de favelas em Natal/RN (2001 – 2017)*. Natal, 2018. 121f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos Urbanos e Regionais. Natal, 2018.

SANTOS, Célio José dos. Juventude e Educação Não-Formal: uma Análise das Práticas Educativas do/ no Hip-Hop Soteropolitano. *CIDADES, Comunidades e Territórios*, Lisboa, n.24, p. 76-87, 2012.

SILVA, Djenane V. S. *“Uma fita de mil grau”: o movimento hip hop na construção de identidades culturais e afrodiáspóricas*. 155 p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SOUZA, Jusamara.; FIALHO, Vânia Malagutti; ARALDI, Juciane. *Hip-hop: da rua para a escola*, 3 ed. 136 f. Porto Alegre: Sulina, 2008.